





Photographia Portuguesa,

Almada, 296.

ANTHERO DE QUENTAL

PRIMAVERAS
ROMANTICAS

VERSOS DOS VINTE ANNOS

(1861-1864)

POR

✓
ANTHERO DE QUENTAL



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA — EDITORA

181, Rua do Bomjardim, 185

1872

PG

9261

.Q4

P7

DUAS PALAVRAS

Se me perguntarem porque público estes versos, marcos poeticos tão distanciados já no caminho da vida real, e cujo merecimento moral (salvo a moralidade intima da intenção, a sinceridade no sentimento) é talvez ainda inferior ao merecimento litterario — responderei: porque não me envergonho de ter sido moço.

Ter sido moço é ter sido ignorante, mas innocente.

A luz intensa e salutarmente cruel da realidade dissipa mais tarde as nevoas doiradas da phantasiadora ignorancia juvenil. Mas a innocencia, a inteireza d'aquelle *indomato amore* com que abraçámos as chimeras fallazes d'um coração enlouquecido, pelo muito desejar, essa innocencia é a justificação sagrada d'aquellas illusões, o que as torna respeitaveis, o que nos impede, quando de

longe em longe as avistámos do horisonte esmaecido do passado, de as encararmos com o sorriso gelado do desdem: é a sua legitimidade.

Fômos todos assim, n'aquella encantada e quasi phantastica Coimbra de ha dez annos. Um sopro romantico, cálido mas balsamico, fazia rebentar tumultuariamente as nossas primaveras em borbotões de flores; flores exóticas, estranhas, que a sciencia impassivel bania inexoravelmente das suas correctas classificações, mas a que dava um indisivel encanto, um attractivo particular uma coisa: a mocidade.

Dava. . . para quem? para nós mesmos, sobre tudo. É pois aos amigos d'então, conhecidos e desconhecidos, que este livrinho é particularmente dedicado.

Sômos homens, hoje. Mas qual de nós, virando-se para os mudos phantasmas do seu passado, que ainda ás vezes, entre risinhos e melancholicos, lhe surgem n'um e n'outro angulo da vida real, terá a triste coragem de os não saudar com um sorriso amigo e agradecido? qual de nós dirá ao coração — quero esquecer que pulsaste com vida, com amor, com delirio, tal dia, tal hora, tal instante—?

O passado tem uma como que existencia de além-tumulo: tem tambem os seus direitos sagrados. *Deorum manium jura sancta sunt*. Os manes sagrados de

cada coração são os sentimentos sinceros que já allí habitaram e viveram. A religião espiritual marca-lhes um culto particular.

Depois, d'esse passado de ingenua e quasi sublime illusão, ha ainda um ensino pratico, immediato, a extrair para a vida real, para a vida da acção e da justiça. Essas illusões como que nos estão dizendo de continuo, na sua linguagem mysteriosa : « Fostes crianças : sois já homens. Pois sêde agora homens tão lealmente, tão completa e resolutamente como então soubestes ser crianças. Ponde nas acções fortes a alma, o ardor intrepido que puzestes nos sentimentos apaixonados . . . e não teremos existido de balde ! »

Se isto é assim, encontrarão ainda os espiritos justos alguma utilidade moral n'estes versos de rapaz.

Porto, 10 de Janeiro de 1872.

BEATRICE

(1861-1862)

Io sono Beatrice.

DANTE — *Inferno*.

A...

Nome, que não se diz; nome, que não se escreve:

Quem vai metter n'um som o mundo, a immensidão?...

O Amor que nome tem? real, jámais o teve...

Escrever!... pois é pouco um livro—o coração?!...

Nem visão, nem real: amor! amor sómente!...
Pois quem sabe o que diz esta palavra — amor —?
Quando deixa cair no peito esta semente,
Diz o que ha de brotar, acaso, o Deus-Senhor?

Sómente amor... Sómente?! é pouco esta palavra?
Duas syllabas só — em pouco um mundo está —
Loucos! mas, quando o amor se expande, e cresce, e lavra,
Bem como incendio a arder, tão pouco inda será?

Gota, que alaga o mundo! átomo, e após, colosso!
Mas este nada ou mundo, a mim, quem m'o aqui pôz?
Foi Deus! de Deus me vem... e a Deus medir não posso:
É immenso o que vem d'elle... os nadas somos nós.

E o nada, que me abriu no peito e, feito immenso,
O encheu, bem como um vaso, abrindo, encheu a flôr,
Ha de alagar teu peito e ser do templo incenso...
Mulher! has de escutar, que eu vou fallar d'amor!

Fallar d'amor?!... se elle é como uma essencia,
Que nos perfuma, sem se vêr de d'onde...
Se elle é como o sorriso da innocencia,
Que inda se ignora e, p'ra sorrir, se esconde...

Se é o sonho das noites vaporoso,
Que anda no ar, sem que possamos vê-lo...
Se é a concha no oceano caprichoso,
Se é das ondas do mar ligeiro vélo...

Se é suspiro, que occulto se descerra,
Se escuta, mas se ignora de que banda...
Se é estrella, que manda a luz á terra,
Sem se vêr de que páramos a manda...

Se é sonho, que sonhâmos acordado...
Suspiro, que soltâmos sem sentil-o...
Sôpro que vae d'um lado a outro lado...
Sôpro ou sonho, quem póde repetil-o?

•

Fallar do amor... do amor! o sempre-mudo!
Se é segredo entre dois, como dizel-o,
Sem divulgá-o, sem que o ouça tudo?
Se é mysterio encoberto, como vêl-o?...

E, emtanto, eu bem o sinto,
Eu bem o sinto aqui.
Não sei de d'onde venha...
Só sei que aspira a ti!

A ti! iman occulto,
Para onde esta alma vae:
A ti! urna, onde encerro
Cada suspiro e ai!

A ti! luz dos meus olhos,
Que eu n'outros não sei vêr:
A ti! meu livro santo,
Aonde aprendo a ler!

Sim! só a ti, auréola,
Que me enches d'esplendor!
E biblia, onde curvado,
Soletro a lei do amor!

Que importa que o não digas,
Se ficas a scismar?
Que importa que emmudeças,
Se podes suspirar?

Que importa o nome, a falla,
Que importa um ecco ou voz,
Se quem dá nome ao nome
—O amor—temol-o nós?

Que importa a quem suspira
O som que tem seus ais?
Tam bem nós suspirâmos...
O mais... que importa o mais?

Bem como a gota d'agua o pobre insecto inunda,
Inundem-me d'amor teus olhos — ceu e luz —
A quem pedimos nós que amor ao peito infunda?
Ao seu symbolo — á cruz —!

Abre-te, asylo santo, unico, eterno abrigo,
Ó seio virginal, ó seio de mulher!
É mãe, e irmã, e amante! é este o seio amigo!
Eu quero inda viver!

Ó infinito! Ideal! Visão, que mal presinto!
Transfigura-te aqui! deixa cair teu veu!
Quero palpar e vêr a Deus, n'isto que sinto!
Quero antever o ceu!

Venham-me esta alma ungir palavras do teu labio.
Que mestre ha ahi que valha um labio de mulher?
Que livro folheou o Christo, o maior sabio?
Quero a vida aprender!

Coração! coração! eia! resurge! vive!
Já pôde á voz do amor um morto resurgir...
E tu não te has de erguer, ó coração que tive?
Quero ainda sentir!

Afunde-me no mar da vida pelo affecto;
Quero sentir-lhe a vaga em mim tumultuar:
— De vida o oceano é pae, de vida anda repleto—
O amor! que immenso mar!

Irmã! dá-me do manto alvissimo uma ponta,
Onde me envolva todo um raio d'essa luz...
Não é a cruz quem vê o dia mal desponta?
Tu és a minha cruz.

Cruz tão dôce de levar . . .
Cruz que não tem seu calvario,
Nem espinhos, nem sudario . . .
Cruz do altar!

Cruz, como em noite sem veu
A diviso em cada estrella,
Que enleva as almas ao vêl-a . . .
Cruz do ceu!

Cruz, como a vejo formar
Nas ondas, em fins do dia,
Toda luz, toda harmonia . . .
Cruz do mar!

Cruz, como o martyr, em pé,
Antes de cair por terra,
A faz, se os braços descerra . . .
Cruz da fé!

Cruz, que não pesa uma dôr,
Não quer nem póde affligir-nos,
Mas que vem tambem remir-nos . . .
Cruz d'amor!

Ó cruz d'amor santissima!
Tomemol-a, mulher!
Unidos, exaltando-nos!
Unidos no soffrer!

Eu vejo os astros pallidos
E o mundo já sem luz —
Braços, onde acolhermo-nos,
Só vejo os d'essa cruz!

Amemos, pois, amemo-nos!
O mundo é ermo e vão;
Nem ha já outro allívio,
Nem outra salvação,

*

Nem outra escada esplendida,
Por onde ao ceu subir,
Mais que essa ponte mystica
Do amor e do sentir.

Deserto e noite envolvem-nos.
O que nos resta a nós?
Amigo, é Elle o unico —
Sem Elle, orphãos e sós.

Salvemo-nos! Salvemo-nos!
O amor só vence o mal —
Oh! junctos elevemo-nos
Nas azas do ideal!

Sim! dá-me as azas candidas,
Com que se sobe além. . .
Oh! sê, sê pois a flammula
Que me conduza ao bem!

Depois que, dia a dia, aos poucos desmaiando,
Se foi a nuvem d'ouro ideal que eu vira erguida:
Depois que vi descer, baixar no ceu da vida
Cada estrella e fiquei nas trevas laborando:

Depois que sobre o peito os braços apertando
Achei o vacuo só, e tive a luz sumida
Sem vêr já onde olhar, e em todo vi perdida
A flôr do meu jardim, que eu mais andei regando:

Retirei os meus pés da senda dos abrolhos:
Virei-me a outro ceu, nem ergo já meus olhos
Senão á estrella ideal, que a luz d'amor contém.

Não temas pois— Oh vem! o ceu é puro; e calma
E silenciosa a terra; e dôce o mar; e a alma...
A alma! não a vês tu? Mulher, mulher! oh vem!

Oh! vem! se ás maguas ando ha muito affeito,
Juntos podemos contra a dôr lutar:
Não podem maguas contra um peito amigo...
Oh! vem, que eu soffro! vem soffrer comigo...

E então meu peito,
Ha de acalmar!

Se soffres, soffro: quem não pisa abrolhos?
Quem rosas colhe sem lhe a mão sangrar?
Mas, quando a angustia me negar conforto
D'um pranto, ao menos, a meu peito absorto

Volve teus olhos...
Hei de chorar!...

Oh! vem! que eu soffro! vem trazer-me a calma,
Que anelo e busco no teu puro olhar!
Se a minha estrella se apagar sumida,
Oh, surge, surge, no meu ceu da vida...

E então minha alma...
Ha de exultar!...

Quando a vida sentir já sem abrigo,
Já quasi a sossobrar na dôr involta
— Véla, que se desfaz, no mar revolta —
Irmã! por me salvar, serei contigo!

Quando a dôr me levar a côr da vida,
Como á nuvem sêu brilho o vento leva,
Buscando quem me afaste a morte seva,
Irei, irei então buscarte, querida!

Quando o pouco calôr, que inda comporta,
Que inda conserva esta alma, vir extincto,
E a luz, a luz do espirito, que sinto
Ir-se apagando, em todo vir já morta;

Buscarei, no teu seio, aquella fonte
Constante e pura do mais puro affecto;
E elle — o vaso d'aroma e amor repleto —
Hade de amor e aroma ungir-me a fronte.

Como seio de mãe seu filho acolhe,
Teu seio, de piedade nunca avaro,
Por me livrar de morte e desamparo
Ha de abrir-se á desdita que me colhe.

E, olhando-me, hão de os olhos teus formosos
Humedecidos vêr-se pelo pranto,
Que n'alma me ha de ser balsamo sancto,
E promessa de dias mais ditosos.

E teu labio, que a prece perfumára,
Pousando-me na face angustiada,
Na linguagem d'amor, no ceu fadada,
Dirá que em vão meus sonhos não sonhára.

Pôz-te Deus sobre a fronte a mão poderosa :
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a ti o olhar d'amor velado,
E disse-te: «mulher, vae! sê formosa!»

E tu, descendo na onda harmoniosa,
Pouzaste n'este solo angustiado:
— Estrella involta n'um clarão sagrado,
Do teu limpido olhar na luz radiosa—

Mas eu... posso eu acaso merecer-te?
Deu-te o Senhor, mulher! o que é vedado,
Anjo! deu-te o Senhor um mundo á parte.

E a mim, a quem deu olhos para vêr-te,
Sem poder mais... a mim o que me ha dado?
Voz que te cante... e uma alma para amar-te!

É pouco? é muito!... É tudo quanto póde
Dar-se... porque é o amor!
Ao olhar, que, assim busca, o que se esconde?
— Vê o sorriso e a dôr—

Vê-o?... Reflecte-o em si, e em si o sente,
Como o ar sente o som:
E, como o ar vae cambiando o som tremente,
Repete cada tom.

Funde-se um ser no outro e une-os um laço,
Como o azul se une aos ceus.
E os olhos?... quem distingue, n'esse abraço,
Os meus... e os que são teus?

— Transforma-se o amador na cousa amada — ¹
Dous são... e um só, tambem...
Anda uma alma com outra tão liada!...
São como filho e mãe.

1 Camões, *Sonetos*.

Como a hera, que aos âlamos se enleia,
Quando o tronco cresceu,
Com elle vae, como elle lida, aneia...
Com elle se ergue ao ceu!

Vão-se estreitando... vão: e mal se sabe
Se é um ou se são dois...
Pois se é assim... se ha um ser, que em si não cabe...
Sou teu... és minha, pois!

Sim! és minha! minha! minha!
Como é dos olhos a luz,
E é o ninho da avesinha,
E dos crentes é a cruz:

Como a Biblia é dos que a lêem,
Á luz d'um raio de fé;
Como a fé é dos que a vêem,
Ao pé de si, sempre em pé:

Como o ceu é do que o fita,
E se embala no esplendor;
Como o sol, do que dormita
Aquecido ao seu calôr:

Como tudo bello e sancto
É de quem o sente e vê;
Como os olhos de uma amante
São de quem só n'elles crê.

Sim, minha!... Pois tem allívio
Cada pranto e cada dôr;
Pois, n'este caminho invio,
Tem cada urze uma flôr:

E cada ceu tormentoso
Tem sua restia de sol,
E tem o chorar seu gôzo,
E a noite, o seu rouxinol:

Se ninguem em balde estende,
Sem achar consôlo, as mãos;
Se uma lagrima nos pende
Sobre o seio dos irmãos:

Não ha de ter gôta d'agua
A sêde como a soffri...
Ter allívio cada magua...
E eu... ter-te na vida, a ti?!...

Se te posso esquecer?! Pergunta á ave
Se esquece o ninho, que lhe deu calôr!
Pergunta ao triste se esqueceu o peito
Que a lagrima acolheu da sua dôr!

Pergunta á flôr do ermo se não abre
Constante o calix ao rociar do ceu!
Pergunta ao cego, que caminha em trevas,
Se a mão que o conduziu, já lhe esqueceu!

Pergunta ao miseravel, que te estende,
Pedindo um obulo, a mirrada mão,
Se a lagrima olvidou que te ha sobre ella
Caído, como balsamo á afflicção!

Pergunta, a quem exulta ou a quem chora,
Pelo amor por que exulta ou dôr que tem!
Pergunta á mãe se esquece o filho amado!
Ao filho, se lhe esquece sua mãe!

Pergunta a quem te viu se esquecer pôde,
Um só momento, a luz dos olhos teus!
Ao martyr, se lhe lembra a sua crença!
Ao crente, se lhe lembra ainda o seu Deus!

Pergunta ao astro se deixou, um dia,
De, em tórno ao sol, constante gravitar!
Pergunta a cada ser se esquece a vida!
Pergunta ao amante se lhe esquece amar!

Se te posso esquecer?!... Digam-t'o as horas,
Que, sem te vêr, me esquecem dos meus dias:
E o silencio das noites, quando escuto,
Dentro em mim, d'este amor as harmonias!

Digam-t'o as ambições que já meu peito
Agitaram, como ondas no alto mar...
Sonhadas ambições e glorias, que hoje
No teu amor, sómente, vou cifrar!

Digam-t'o as dôres, as descrenças fundas
— Tropel, que já minha alma devastou—
Diga-t'o esta alma, que turbaram males,
E a um só aceno teu me serenou!

Se te posso esquecer?!... Quando o teu filho
A teus olhos de mãe o olhar volver,
Pergunta a esse olhar se o amor se esquece,
Se quem te um dia amou póde esquecer!...

PEPPA

(1863)

I

Eu bem sei que te chamam *pequenina*,
E tenue, como o veu solto na dança,
Que és, no juizo, apenas a *criança*,
Pouco mais, nos vestidos, que a *menina*;

Que és o regato d'agua mansa e fina;
A folhinha do til que se balança;
O peito que, em correndo, logo cança;
E a frente que ao soffrer logo se inclina...

*

Mas, filha, lá nos montes onde andei,
Tanto me enchi d'angustia e de receio
Ouvindo da grandeza os longos eccos,

Que não quero imperar nem já ser rei,
Senão tendo meus reinos em teu seio
E subditos, criança, em teus bonecos!

II

Tenho dormido no monte,
Alta noite, á chuva e ao frio,
Á luz rapida do raio,
Sob um ceu duro e sombrio.

E outras vezes — mas sonhando —
Anjos do ceu me hão levado
Nos braços, adormecido,
E entre nuvens embalado.

Eu passo a vida sonhando
Sonhos de luz e de treva—
Já entre os astros brilhantes,
Já no monte, em quanto neva ;

Mas nunca a sombra da terra,
Mas nunca dos ceus a aurora,
Me deu somno tão extranho,
Um sonhar como este agora !

Que tenha tanta tristeza,
E uma tamanha ventura,
Tantas visões refulgentes
E tanta nuvem escura !

Entre as urzes da charneca,
Ou em seios de serafim,
Nunca me assim hei dormido,
Nunca tive um leito assim,

Como quando, entre o arvoredos,
Á noite, á luz do luar,
Dorme minha alma e se embala
N'um raio de teu olhar!

III

Se eu fôra a terra, que tu vaes pisando
— De olhar no ceu — a terra que nem vêes...
Quando por sobre mim fosses andando...
Floria-te esses pés!

Fôra eu o mar, aonde mãos e braços
E o corpo, nú, mergulhas vergonhosa...
Podéra eu ser então a onda amorosa...
Vestia-te d'abraços!

Se eu fôra o ceu, que á noite, se meditas,
Te vae mostrando as fulgidas areias,
Lançára-te, se eu fôra o ceu que fitas,
Os astros, ás mãos cheias!

IV

Eu sou a concha das praías
Que anda batida da onda
E, de vaga em outra vaga,
Não tem aonde se esconda.
Mas se um menino, da areia
A colher e a fôr guardar
No seio... alí adormece
E é alí seu descansar.
Pois sou a concha da praia
Que anda batida da onda...
Sê tu esse seio infante,
Aonde a triste se esconda!

Eu sou quem vaga perdido,
Sob o sol, com passo incerto,
Contando por suas dores
As areias do deserto.

Mas se um palmar, no horizonte,
Se vê, subito, surgir,
Tem alí a tenda e a fonte
E é alí q seu dormir.
Pois sou quem vaga perdido,
Sob o sol, com passo incerto...
Sê tu sombra de palmeira,
Sê-me tenda no deserto!

Eu sou o peito sequioso
E o viuvo coração,
Que em vão chama, em vão procura
Outro peito, seu irmão.
Mas se avista, um dia, a alma
Por quem andou a chamar,
Tem alí ninho e ventura
E é alí o seu amar.
Pois sou quem anda chorando
Á procura d'um irmão...
Sê tu a alma que me falle,
Inda uma hora ao coração!

V

O teu pé, subtil e breve,
É como a visão doirada
Que em sonhos roça, fugindo,
A nossa fronte pesada:

Todo o escuro se illumina,
D'uma luz coada e branda,
E voam as phantasias,
Como aves, de cada banda:

Assim, quando teus pés roçam
A terra dura e sem côres,
Sob a pisada, que a afaga,
Ás mil vem brotando as flôres!

VI

Ha na tua varanda uma roseira
Virada ao sol e ao mar,
Que o vento dos jardins d'Andaluzia
Anda sempre a embalar.

Banha-a a luz, dá-lhe concerto a onda;
Nem — da violeta ao liz —
Não vi jámais, n'este jardim de Hespanha,
Quem fosse mais feliz!

Mas deixa um meu suspiro bafejar-te
Com o sopro do amor...
Verás então que rosa desabrocha
Dentro em tua alma, flôr!

Ah! deixa, deixa-a abrir-se nos teus olhos,
Como a flôr no balcão...
Por sol, o astro radiante da ventura,
E mar, o coração!

VII

Tivesse eu a estrella d'alva,
Que de manhã treme e desce!
Tivesse a estrella da tarde,
A que á noitinha apparece!
Roubava ao ceu as estrellas,
Descravava-as d'esse espaço,
E, unindo-as ambas com um laço
D'aveludada fitinha,
Hia dar-t'as por fivelas
Da tua negra botinha!

Podésse eu tirar do peito
A fibra mais melindrosa
Que me envolve o coração!

Havia dar-te, formosa,
Essa corda dolorosa
Da minha *harpa de Sião*...
Dar-te a fibra de meu peito,
Que fosse (e, só com dizel-o,
Coração, já te desatas...)
A fita com que tu atas
A trança do teu cabelo!

Podésse eu ter a cambraia
Da fimbria dos sonhos meus!
Toda feita d'esperanças,
E da luz de novos ceus,
E do ar d'um novo espaço!
Talhava-te n'ella o veu
Que te cobre, n'um abraço,
O pescoço mais de meio...
Que, em quanto dormes e sonhas,
Sonha e dorme no teu seio!

Guardasse eu inda o crystal
Das minas da minha infancia,
O meu infantil ideal,
A flôr, o azul, a fragrancia!
Os meus crystaes de Poeta,
— A fé, a crença, a confiança! —
Fazia d'elles um prisma
Com que visses, n'este escuro,
Côr do ceu e d'esperança,
O mundo, a vida, o futuro!

VIII

Adornou o meu quarto a flôr do cardo;
Perfumei-o d'almiscar olorente;
Vesti-me com a purpura fulgente,
Ensaizando meus cantos, como um bardo:

Ungi-me, face e corpo, com o nardo
Crescido nos jardins do Oriente,
A receber com pompa, dignamente,
Mysteriosa visita a quem aguardo.

Mas que filha de reis, que anjo ou que fada
Era essa que assim a mim descia,
Do meu casebre á humida pousada?...

Nem princezas, nem fadas. — Era, flôr,
Era a tua lembrança que batia
Ás portas, todas luz, do meu amor!

IX

Andava eu buscando o dia,
Mas não sei quem é que vinha
Tirar-m'ó, mal ia a tel-o...
E, vês tu? não sei que tinha,
Não atinava com vél-o
N'este ceu d'Andaluzia!

Quando tu, passando ao lado
D'este cego, e erguendo a ponta
Da tua escura mantilha,
Me disseste — «olha se brilha
Aqui dentro... se desponta
Talvez aqui d'este lado...»

Olhei... pois se era teu rosto!
Vi... pois se era teu olhar!
Ó pura lua d'agosto
Sobre as aguas do meu Tejo!
Perdi-me n'esse luar...
Agora é que eu já não vejo,
Sob o ceu d'Andaluzia,
Nem luz nem sol quando é dia!

X

Vistamo-nos d'amor, ó minha amada!

Vistamo-nos d'amor!

Tenho a fronte do orvalho humedecida...

Dá-me teu manto, flôr!

Tenho a cabeça douda e somnolenta...

Sinto-a como a rodar!

Sê tu, sê tu a mão que nos segura

A fronte em nosso anciar!

Tenho os membros gelados — acalenta,

Embala a minha dôr!

Sê a *Bella-Infanta*, sê, com que adormenta

A mãe o *seu amor!*

Perdi a noite... e tão cerrada noite...

E já me falta o ar!

Vê se és a viração da madrugada

Que nos vem refrescar!

Eu andava no monte, e escureceu-me,

E perdi-me, Senhor!

Vê, amada, vê tu se és a luzinha

Da choça do pastor!

Na capella do ermo é que eu estive

A rezar... té que a luz

Da lampada findou! ó bem-amada,

Vê se és o meu Jesus!

Os tyrannos da patria me expulsaram,

Vim fugindo... e estou nú!

Não tenho lar, nem sombra, ou sêde d'agua...

Só a ti te possuo!

Perdi-me pela serra, regelei-me,
E sou todo tremor!
Faze do teu cabelo um manto regio...
Oh! veste-me d'amor!

XI

Tambem o amor nos veste...
Manto é o amor tambem!
Não veste com o cabelo
Ao filho a doce mãe?

Um canto de teus labios...
Dize-me, aonde ha téla
Que a alma nos envolva
Com purpura mais bella?

Um doce olhar nos cobre...
Onde ha regio setim
Que tenha o doce brilho
D'aquella luz sem fim?

Oh! deixa o mundo rir-se
Ao vêr nossa nudez :
Nós somos como principes...
Incognitos... bem vêis!

Mas, se te o pejo opprime,
Então vistamos, flôr,
A nudez da innocencia,
Co'a purpura do amor!

XII

Entre os cylios de teus olhos,
Como entre uma ala de palmas,
Passam, caminho da gloria,
Triumphantes, nossas almas!

E entre os batentes dos labios,
Quando os descerra um sorriso,
De par em par vejo aberta
A porta do paraizo!

*

Entre teus abertos braços
É que eu tenho o horizonte,
Onde nascem lua e astros,
E doura o sol valle e monte!

E a cruzinha, que entre os seios
Lá te dorme a descansar,
É onde eu prego o meu *Christo*,
É meu templo e meu altar!

Em cima de teus joelhos
Brinca o menino Jesus:
C'roa que lhe inflora a fronte
É de teus olhos a luz!

Na tua garganta, branca
Como a nuvem da manhã,
E onde vejo a côr vermelha
D'um baguinho de romã,

Tens occultos, dôce amiga,
Mel silvestre do arvoredos,
E a voz saudosa do vento
Que á noite geme um segredo,

E toda a unção de Maria,
E os murmurios da espessura,
E a longa harmonia flebil
Que nos desce lá da altura!

Tu tens na tua garganta
Uma colmeia de mel;
Canta-se lá noite e dia...
São as veigas d'Israel...

Em teu peito canta um ninho
De maviosos rouxinoes,
Mal que se abrem sobre o mundo
De teus olhos os dous soes!

E no rythmo de teus passos
É que minha alma se embala
Quando, a dormir, nos teus olhos
Adora, contempla... e calla!

XIII

Vê tu pois que amor este, flôr do prado!
Vê que amor ha de ser, pura açucena!
Que, tendo tu em ti a luz serena
Do ceu, e quanto o mundo dilatado,

E o mar e a terra tem—quanto ha de bello,
Quanto os olhos de vêr jámais se cançam,
Sim, tudo— eu, filha, em ti, só, hei de vêl-o...
Que além de ti meus olhos nada alcançam!

Considera isto bem: que já não sei
Com estes meus dois olhos vêr mais nada...
E eis que venho encontrar em ti, amada,
Tudo que amava então quando ceguei:

Ceu, d'onde aspiro a luz e as virações. . .
Mar, que a meus pés sua onda vem deitar. . .
Vê, n'uma só paixão, quantas paixões!
Vê com quantos amores te hei de amar!

XIV

Dá-me pois olhos e labios;
Dá-me os seios, dá-me os braços;
Dá-me a garganta de lyrio;
Dá-me beijos, dá-me abraços!

Empresta-me a voz ingenua
Para eu com ella orar
A oração de meus cantos
De teu seio no altar!

Empresta-me os pés, gazella,
Para que eu possa correr
O vasto mundo que se abre
N'um teu rir, n'um teu dizer!

Presta-me a tua innocencia,
Para eu ir ao ceu voar . . .
Mas accende cá teus olhos
Para que eu possa voltar !

Por Deus t'ó peço, senhora,
Que tu m'ó queiras fazer ;
Dá-me'os cylios de teus olhos
Para eu adormecer ;

Por que, em quanto os tens abertos,
Sempre para aqui a olhar,
Não posso fechar os meus,
E sempre estou a acordar !

Pela Santa-Virgem peço
Que tu me queiras sorrir ;
Por que eu tenho um lyrio d'ouro
Ha tres annos por abrir,

E, se lhe deres um riso,
Ha de cuidar que é a aurora...
E talvez que o lyrio se abra,
Talvez que se abra n'essa hora!

Por Alláh, minha palmeira!
Quando ao sol me fôr deitar,
Faze sombra do meu lado...
Por que eu quero-te abraçar!

D'amor te requeiro, undina,
Quando te fôres a erguer,
Vê-te no espelho das fontes...
Por que eu quero-te beber!

XV

Beber-te! como bebo o ar da vida...
E como bebo a luz do sol doirado...
E a poesia do templo consagrado...
E o consolo no olhar da mãe querida...

Como bebo nos livros do saber
A palavra dos Deuses, e o segredo
Da existencia nas folhas do arvoredo...
E em longas noites de cruel soffrer...

Como bebe no calix o Deus-vivo
Quem o não sente andar dentro de si...
Como eu n'esses teus olhos já bebi
A agua que hei de beber em quanto vivo!

XVI

Que sêde! bebi teus olhos...
Dentro nasceram-me flôres!
Aos tragos bebi tua alma...
Dentro me brotam amores!

Bebi tambem teus cabellos
E elles, por mago condão,
Em meu peito se tornaram
Fibras do meu coração!

As palavras que segredas
Dentro fizeram-se aroma,
Reliquia, e oleo que eu guardo
De meu peito na redoma.

O mundo agora é vasio:
Elle era taça de Rei
Que te continha; eil-a inutil
Agora que a despejei.

Bem m'importa a mim o mundo!
Se quero ouvir o rumor
D'um universo—inclinando-me,
Ouço, dentro, o meu amor!

Vê tu pois, filha, que treva
E que silencio ha de ser,
Se algum dia esse universo
De repente emmudecer!

IDYLIO SONHADO

(1864)

Durch Nacht zum Licht.
Spielhagen.

I

Deixemos estas cidades...
Oh! a livre natureza,
Que eu não vejo entre estes montes
De pedras e de tristeza!

Oh! os largos horizontes!
Oh! as campinas floridas!
Vamos lá banhar em luz
Nosso amor e nossas vidas!

Se os horizontes são largos,
Vasto é o meu coração...
Para os meus grandes desejos
Quero infinita a prisão!

Todo o ar é pouco ainda
Para a andorinha voar...
Eu quero immenso horizonte
Para poder delirar!

Quero campinas sem termo,
Todo o brilho e toda a côr...
O maior monte é pequeno
Para andar o meu amor!

Sobre as collinas azues,
Entre os verdes arvoredos,
Tem a vida mais desejos,
O amor tem mais segredos...

Á noite as flôres suspiram
Pelos raios do luar . . .
Vamos, filha, á lua cheia,
Entre as flôres suspirar . . .

Has de ouvir fallar minha alma,
Has de ouvir-lhe o seu segredo . . .
Oh! as bellas flôres languidas,
Medradas entre o arvoredó!

II

Os meus grandes desejos me endoidecem . . .
O meu triste futuro me atormenta . . .
Mas o vago perfume das florestas,
Refrescando minha alma, me adormenta.

Alta noite, ao luar, entre a folhagem,
A alma dá mais amor e aroma os lyrios . . .
Eu tenho o coração cheio de sonhos!
Eu tenho a vida cheia de delirios!

Lá quando as sombras cáem e escurecem
Os fantasticos vãos dos arvoredos,
Peço ás visões da noite que me ensinem,
Dos mundos d'onde vêm, canto e segredos.

Lá quando os rouxinoes estão cantando
Ás rosas purpurinas das balseiras
Tambem se erguem em mim, como aves d'oiro,
As minhas dôces illusões primeiras.

Nem eu sei porque sonho noite e dia...
Mas ao longe sussurram os pinhaes...
As estrellas do ceu parecem tristes
Inclinando-se a ouvir meus tristes ais.

Se eu não tivesse o echo das florestas,
Se não tivesse o vento das devezas,
Quem te havia levar os meus suspiros?
Quem te havia contar minhas tristezas?

É minha confidente a natureza,
O livre vento é meu unico amigo . . .
Se elle me falla a mim, por alta noite,
É por que ao pôr do sol fallou contigo!

A noite é o meu berço d'esperanças,
Onde o luar me embala a pobre vida . . .
As estrellas do ceu vão-me cantando,
Por que eu possa sonhar contigo, querida!

E, em quanto as folhas a brincar se tocam,
E os pinhaes longas magoas vão contando,
E as estrellas e as agoas me adormecem,
Eu contigo, entre os ventos, vou sonhando!

Então, ao som fremente das cascatas,
Me cobre com seus veus uma visão,
E, adormecido ao seio d'um engano,
Abraço a minha pallida illusão.

*

Comtigo em sonhos vou. Entre o arvoredó
Como dois raios de luar corremos . . .
Leves, como o ar, fugimos pelo mundo,
Buscando o que nós dois sómente vemos.

Atraz de fadas, que lá ao longe acenam,
No meio de fantasticos pallóres,
Vamos buscar a harpa da ventura
Suspensa na floresta dos amóres.

.....
.....
.....
.....

É de noite, ao luar, entre a folhagem,
Quando a alma é toda amor e aroma os lyrios,
Que eu deixo o coração ir-se-me em sonhos,
Que eu tenho a vida cheia de delirios!

Vem tu vêr os crepusculos da tarde!
Vem tu vêr os rocios da manhã!
A rola faz de musgo o dôce ninho...
Eu sou o musgo, sê tua rola, irmã!

III

Correr nas livres colinas!
Adormecer ao luar!
Vêr teus olhos, acordado,
E as estrellas, a sonhar!

Ter em cima o ceu, e em baixo
A natureza florida,
E bem no meio do peito
A tua imagem, querida!

Ter uma tenda formada
Com os raios das estrellas,
Cuja porta só abrissem
As tuas mãosinhas bellas!

Ter por jardim dos amores
O ceu, os valles, e os montes,
Por leito o berço dos ventos,
E docel os horizontes!

Vês aqui o meu poema,
A minha dôce mentira,
Que eu, poeta, em sonhos canto
Co'a lua cheia por lyra!

Oh! rouxinoes das balseiras!
Suspiros do coração!
Uns cantavam-te a belleza,
Outros a minha illusão!

Assim passo pelo mundo
Com esta illusão nos braços!
Ninguem sabe a luz que esconde
Por detraz d'uns olhos baços!

Quando assim vou pelos montes
Té me lastimam as feras . . .
Oh! que sombras no arvoredo!
E n'alma que primaveras!

IV

Nós sômos loucos, não sômos?
D'esta louca poesia,
D'esta riqueza dos pobres
Que se chama fantasia!

Ergamos pois nossa tenda
E nosso lar de pobreza
No mais ermo d'esses montes,
No fundo da natureza.

Se o frio apertar com nosco,
Pois não temos mais calores,
Aqueceremos os membros
Na fogueira dos amores!

Se fôr grande a nossa sêde,
Tão longe da *fonte fria*,
Contentar-nos-hemos, filha,
Com as aguas da poesia!

Assim á nossa pobreza
Daremos a Immensidade. . .
Que com isto se contente
Nossa pouca *seriedade*.

E, pois sômos loucos, vamos
Atraz dos loucos *mysterios*. . .
Deixemos ricas cidades
Ao serio dos *homens serios*!

MARIA

(1864)

FAUST

**Mein schönes Fräulein, darf ich wagen,
Meinen Arm und Geleit ihr anzutragen?**

MARGARETE

**Bin weder Fräulein, weder schön,
Kann ungeleitet nach Hause gehn.**

Goethe.

I

Tenho cantado esperanças...
Tenho fallado d'amores...
Das saudades e dos sonhos
Com que embalo as minhas dôres...

Entre os ventos suspirando
Vagas, tenues harmonias,
Tendes visto como correm
Minhas doudas phantasias.

E eu cuidei que era poesia
Todo esse louco sonhar...
Cuidei saber o que é vida
Só porque sei delirar...

Só porque á noite, dormindo
Ao seio d'uma visão,
Encontrava algum allivio
Meu dorido coração,

Cuidei ser amor aquillo
E ser aquillo viver...
Oh! que sonhos que se abraçam
Quando se quer esquecer!

Eram phantasmas que a noite
Trouxe, e o dia já levou...
Á luz d'estranha alvorada
Hoje minha alma acordou!

Esquecei aquelles cantos...
Só agora sei fallar!
Perdoae-me esses delirios...
Só agora soube amar!

II

Amar! mas d'uns amores que têm vida...
Não serão vagos, tremulos harpejos,
Não serão só delirios e desejos
D'uma douda cabeça escandecida...

Hão-de-se vêr! e, como a luz fundida,
Penetrar o meu ser — não serão beijos
Dados no ar — delirios e desejos —
Mas amor... d'uns amores que têm vida.

Com elles hei de andar no mundo: o dia
Não póde vir fundil-os nos meus braços
Como nevoas ideaes da phantasia.

Nem os dissipa o sol co'a luz erguida...
Pois que podem os astros dos espaços
Contra uns deveis amores... se têm vida?!

III

Vida! mas vida placida,
E doce, e maviosa...
Bem como, á noite, os canticos
Do rouxinol á rosa.

Vida! que os astros fulgidos
Ás terras invejaram,
Se nós a divulgáramos...
Se os astros a sonharam...

Vida! que as noites trémulas
Tem mêdo de acordar,
Tanto duvidam, vendo-nos,
Se é vida ou se é sonhar.

Vida! brando crepusculo
E esplendido clarão...
Dois extremos unindo-se
N'um mesmo coração.

Vida! de sóes fallando-se
Através do esplendor...
De flôres namorando-se...
Vida... vida d'amor!

IV

Vós vêdes que os meus cantos são singelos...
Falla n'elles agora o coração...
Eu ponho-me a escutar os seus segredos
E esquece-me compôr minha canção.

Desaprendo poesia... e aprendo amores...
Lá se vae minha gloria pelos ares!...
Mas que importam, querida, alguns maus versos
Se os ler teu coração e suspirares?...

Se entre essas duras syllabas mal postas,
Como por uma fenda, póde olhar-se,
Tu has de vêr minha alma, lá no fundo,
N'um lago d'harmonias a banhar-se!

E has de escutar meu coração saudoso,
Embora falle com voz triste e dura...
Muita vez, entre os eccos da montanha,
Se murmuram segredos da ventura.

Deixo correr meu canto sem que o prenda,
Ora a pé na deveza, ora entre flôres:
Que importa aonde? é sempre a ti que fallo...
Desaprendo poesia... e aprendo amores!

V

Novo amor, nova Musa. Outras poesias
Agora de meu peito me rebentam...
N'outro ceu d'esperança, outras estrellas
Com melhor harmonia me adormentam.

Nova luz, que me rasga dentro d'alma,
D'um desejo melhor me veste a vida...
Outra fada celeste agora leva
Minha debil ventura adormecida.

Outros ventos do ceu na minha harpa
Desferem, ao passar, mais bellos cantos...
São outras as visões, e nos meus sonhos
Tem os anjos de luz mais puros mantos...

Nem eu sei se houve amor té este dia...
Nem eu sei se dormi até esta hora...
Mas, quando me roçou o teu vestido,
Abri o meu olhar —acordo agora!—

Meu phantastico sonho de belleza
Á grande luz do dia eil-o apparece!
A esperança, que eu puz entre as estrellas,
Sobre meu triste peito eil-a que desce!

Acórdo—e nunca o somno, em seus delirios,
Me abriu palacio algum de claridade,
Com tão vastas abobadas de brilho,
Como, hoje, esta immortal realidade!

Não sei que novos horisontes vejo...
Que pura e grande luz inunda a esfera...
Quem, nuvens d'este inverno, n'esse espaço,
Em flôres vos mudou de primavera?!

A luz não é de Deus—é tua, filha,
Que, antes de ti, ninguém nunca me deu
Olhar que visse, coração que amasse,
E azas d'amor com que voar ao ceu...

E se as aves do ar, pela manhã,
Se erguem e têm mais placido trinado,
Se têm canto melhor—é que esta noite
Poisaram a dormir no teu telhado.

Se as noites nos enviam mais segredos,
Ao sacudir seus vaporosos mantos,
Se desprendem do seio mais suspiros...
É que dizem teu nome nos seus cantos.

Se as fontes têm mais bellas harmonias
Ao lançarem sua agua, desprendida
Com mais doce rumor —
É que todas as fontes, que murmuram,
Descem agora de teu seio, querida,
E são fontes d'amor!

VI

Minhas vãs esperanças alastraram
O chão endurecido...
Através de meu peito vê-se a alma,
Como um lyrio pendido...

*

E através de meus olhos, quem olhasse
Para dentro, veria
Um escuro phantasma devorando
Cada raio do dia.

Eis de mim quanto resta — um peito aberto
E uma alma moribunda —
Em volta a sombra vem cerrando a noite
Da tristeza profunda.

Perdi quanto queria: em quanto cria
Perdi a fé também...
Meus pés vacillam, com incerto passo,
Nos caminhos do bem...

Ficaste-me tu só! no mundo inteiro
Eu já não tenho mais!
Mas bemdirei meu nada, se escutares
Um só, um de meus ais...

Se escutares meus ais, só no teu seio
 Porei meu Deus e altar;
E, noite e dia, minha Virgem-Santa,
 Has-de ouvir-me cantar.

Eu só te peço uma hora de piedade,
 Que me queiras ouvir...
Suspende a minha vida dos teus olhos,
 Senão deixo-a caír!

Deixo caír no chão a triste vida,
 Se perco esta esperança...
Embala as minhas dôres nos teus braços
 Minha debil criança!

VII

Embala a fronte pallida
Do pobre sonhador,
Que desbotou scismando
Em mysterioso amor...

Embala o seio afflicto
Da triste poesia,
Que em vão estende as azas
Por vêr a luz do dia...

Embala a alma oppressa
De quem já não tem mais
No ceu, do que as estrellas,
Na terra, que seus ais...

Embala no teu peito
A ultima esperanza
De quem só vê no mundo
Teu riso de criança...

Embala nos teus braços
Minha ultima illusão...
É leve — tem o pêso
D'um ermo coração—

Embala, no teu berço
De paz e de innocencia,
As minhas horas ultimas
De inutil existencia...

Embala as minhas dôres,
Que, emfim, durmam tambem:
Sê, flôr, meu universo,
Criança, a minha mãe!

VIII

Mãe—que adormente este viver dorido,
E me vele esta noite de tal frio...
E, com as mãos piedosas, áte o fio
De meu pobre existir, meio partido...

Que me leve comsigo, adormecido,
Ao passar pelo sitio mais sombrio...
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho d'homem — dava
Minha esteril sciencia, sem receio,
E em debil criancinha me tornava,

Sem vida e força, e sem querer tambem,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

IX

Eu dormíra innocente e descuidado,
Como as aves do ceu e como as flôres,
Se tivesse por leito os teus amores,
Em vez do duro chão do meu cuidado.

Sou homem — a desdita bem m'ò adverte...
Minha longa tristeza bem m'ò ensina...
Mas sobre o meu soffrer, ó lirio, inclina
O doce nectar que teu seio verte,

Deixa banhar-me a vida o teu perfume,
E o teu orvalho refrescar minha alma,
Deixa, lírio! e verás como se acalma
Este inferno interior de vivo lume.

Verás que é terra a lava do vulcão,
Onde podem vir flôres de belleza...
Que o amor faz do lodo uma pureza...
E que é sempre criança o coração!

O coração! o pobre encarcerado!
Porque o prenderam, não lhe chames fera,
Que, se o vissem á luz da primavera,
Solto e livre, seria abençoado!

Se ruge e brada, é que está prêso, e soffre...
Se blasphema, é que Deus não lhe apparece...
É como ouro de lei que se escurece
Longe da luz, fechado em negro cofre.

Mas esse impio, talvez, é bom e crente...
O forçado da vida é um poeta...
Esse mudo sombrio tem secreta
Em si uma voz doce d'innocente.

Esse doudo, que luta com o destino,
E se ergue e brada, e só de raiva chora,
Mais nada pede a Deus, em cada hora,
Que fazer-se criança e pequenino.

Criança no sonhar e na innocencia...
Tão dócil que um olhar basta a leval-o...
Uma palavra só a socegal-o
E adormecer-lhe a louca turbulencia.

Como a ave que, voando em seu caminho,
Acha acanhada a extensão serena,
E á noite se conchega e faz pequena
E toda cabe n'um estreito ninho,

Podesse elle minguar, meu coração!
Achar seu dôce ninho que o prendesse!
Podesse elle minguar — que te coubesse
Todo na estreita concha d'uma mão!

Eu dormira innocente e descuidado,
Como as aves do ceu e como as flôres,
Se tivesse por leito os teus amores,
Em vez do duro chão do meu cuidado.

X

Seis mezes depois

Conclusão do Poema e da Ventura:

E não é sem razão...

Porque os poemas — mesmo os que se sonham —
Devem ter conclusão.

Porque os cantos mais bellos dos Homeros

Devem finalizar...

E não é muito, pois, que estes maus versos

Se vão a acabar.

E as venturas, que apenas se imaginam,

E não vão mais além,

E ninguém sabe d'ellas... essas mesmas

Devem ter fim tambem.

Uma nuvem, que passa levemente,

Que mal póde fazer?

Pequená e tenue, não desperta invejas...

E, entanto, ha de morrer!

Uns amores doidinhos de crianças,

Que mal sabem brincar,

Quem lhes sentiu o peso? a quem offendem?

E, entanto, hão de findar!

Um poema, sonhado entre as estrellas,
 Á luz d'uma illusão,
Tambem que custa a ouvir? que custa? e, entanto,
 Ha de ter conclusão!

Quando escrevi o titulo da obra,
 Logo ouvi segredar
Não sei que intima voz, presaga e triste,
 Que tinha d'acabar...

Pondo aqui este *fim* cumpro o que devo...
 Mas talvez não saibaes
Que as rimas do meu canto, a pouco e pouco,
 Se tornaram em ais!

Os que fazem poemas gloriosos,
 Quando chegam ao fim,
Dizem talvez melhor do que eu — mas nunca
 Nenhum soffreu assim.

E se ao leitor o alegre vêr o termo
D'esta inutil canção,
A mim estas palavras derradeiras
Partem-me o coração!

XI

Eil-os, os cantos ultimos,
O derradeiro adeus
De quem no amor extremo
Perdeu o ultimo Deus.

«O homem altivo é forte,
«E é forte o coração...
«Mas em seus braços debeis
«Nem cabe uma illusão;

«Mas nem sustem um engano
«A fronte d'esse rei...
«Ó nuvens do Occidente
«Fugi, passai, correi!

« Passai, bem como as ondas
« Que vão pelo alto mar...
« Passai, como aos que choram
« Os leva o seu penar...

« Visões, que andais á tarde
« Rodando pelo ceu,
« Bem como veus que acenam
« Por traz d'um gyneceu,

« Se alguém vos deu a altura
« E o brilho e a côr — olhai
« Que quanto ha de formoso
« Não val sequer um ai!

« Não ha já luz que dure,
« E não se póde crêr
« Na chama das estrellas
« Que estão sempre a tremer;

« E o canto da ave mente,
« E mente o olhar da mãe
« Velando o pobre filho
« Que entre seus braços tem;

« Se é certo que eu no mundo
« Não tenho já onde ir...
« Se até os olhos d'ella
« Tambem pôdem mentir!

XII

Muita gente me diz, a vêr se acabo
Com os prantos que chóro,
Que não valem os curtos annos d'ella
O meu comprido chôro:

Que não me val deixar caír por terra
A viril confiança
Porque brincou com ella a mão vaidosa
D'uma debil criança...

Sabios amigos, que falaes aos miseros
Na lingua da ventura,
Á vossa enorme sciencia uma só cousa
Escapa — é a loucura!

Vós nunca entenderéis (que o amor, o mestre,
Aos sabios nunca o disse)
Que a causa do meu mal, e o que eu lamento
É essa criancice!

XIII

Pelas rugas da fronte que medita...
Pelo olhar que interroga — e não vê nada...
Pela miseria e pela mão gelada
Que apaga a estrella que nossa alma fita...

Pelo estertor da chama que crepita
No ultimo arranco d'uma luz minguada...
Pelo grito feroz da abandonada
Que uma hora, só, d'amante fez maldita...

Por quanto ha de fatal; por quanto ha mixto
D'escuro e podridão sob uma lousa...
Ó pomba meiga e côr da esperança!

Eu t'o juro, menina! tenho visto
Cousas horriveis — mas jámais vi cousa
Mais feroz do que um riso de criança!

XIV

Mas que doçura que ha nos teus abraços!
E, falsa, que meiguice em teus enganos...
Ah! pudesse eu dormir meus longos annos
Captivo d'illusão... mas nos teus laços!

Teus olhos e tua alma mentirão...
Mas não mentem teus braços enlaçados...
Coubessem os meus sonhos aninhados
Dentro em teu mentiroso coração!

Teu coração! que doce e brando ninho!
Que echo tão bello aos sons da minha lyra!
Como eu n'elle embalado me dormira...
Se elle fosse maior um poucachinho.

Como eu fôra Poeta, e tu, menina,
Beatriz invejada, se eu pudesse
Rimar meu grande *amor*, que sempre cresce,
Com a tua *vaidade* pequenina.

Eu seria feliz, e tu contente
Se, á noite, juntos sob a luz de Deus,
Em vez de me calar, olhando os ceus,
Disseste um elegante cumprimento.

E seria o maior entre os primeiros,
Como as aguias do ar alto e invejado,
Tão feliz como Deus, pois que era amado...
Se eu soubesse dançar bem os *lanceiros*!

*

CANTIGAS

(1864)

**Asi escribo en mi loco desvario
Sin ton ni son, y para gusto mio.**

El diablo mundo.

À GUITARRA

I

Tres cordas tem a guitarra,
Uma d'ouro, outra de prata...
Á terceira, que é de ferro,
Todos lhe chamam ingrata.

Ninguem faça ramalhetes
Com flôres que hão-de murchar...
Ninguem tenha cordas d'ouro,
Se as não quer vêr estalar!

Aprendam todos commigo
O que póde acontecer
A quem canta os seus amores
N'um cabello de mulher...

Das tres cordas da guitarra
Só a terceira dá ais...
Bastou-me um amor na vida,
Um só amor e não mais!

Quantas folhas tem a rosa?
Quantos raios tem o sol?
De quantas hervas do monte
Faz o ninho o rouxinol?

Quantas ondas d'agua amarga,
De tantas que andam no mar,
Quantas ondas são precisas
Para um homem se afogar?

Dizei-me, ó rosas do monte,
E ondas que andaes a fugir,
Quantos amores se querem
Para um peito se partir?

Não sei quantos peitos tenho,
Nem já quantos corações...
Mas não cabem dentro d'elles
Minhas grandes afflicções!

Quem tem vida para isto
Mais valia não a ter!
Palavras leva-as o vento...
Quem as podéra esquecer!

Das tres cordas da guitarra
Uma chora, outra dá ais...
Bastou-me um amor na vida,
Um só amor e não mais!

II

Guitarra, minha guitarra,
Quem as cordas te estalou?
Acabe-se esta cantiga
Aonde o amor se acabou!

III

Lindas aguas do Mondego,
Por cima olivares do monte!
Quando as aguas vão crescidas
Ninguem passa além da ponte!

Ó rio, rio da vida,
Quem te fôra atravessar!
Vais tão cheio de tristezas...
Ninguem te pôde passar!

Mas dize tu, ó Mondego,
Pois todos levam seu fado,
Tu que foges e eu que fico,
Qual de nós vai mais pesado?

Tu, ao som dos teus salgueiros,
Levas as tuas areias...
Eu, ao som dos meus desgostos,
Levo estas negras ideias...

Debaixo do arco grande,
Onde a agua faz remanso,
Tem paz certa qualquer triste
Que ande á busca de descanso.

O luar bate no rio;
Tem um magico fulgor...
Não ha assim veu de noiva,
Nem ha mortalha melhor!

Lindas areias do rio!
Uma traz d'outra a fugir,
Vão direitas dar ao mar...
Ah! quem podéra dormir!

Quem tiver amores tristes
E andar roto a mendigar,
Dá-lhe a agua um brando leito
E ha de vestil-o o luar!

Á noite, o salgueiro é negro...
Com o vento meneando,
Parecem filas de frades,
Todos em côro resando.

Ó frade, fecha o teu livro,
Vae caminho do teu fim...
Que eu já tenho quem me enterre,
Mais quem me rese latim!

Lindas aguas do Mondego,
E os salgueirae a cantar!
Quando a cheia é de tristezas
Ninguem a póde passar!

IV

Guitarra, minha guitarra,
Quem te havia de estalar?!
Bem se acaba uma cantiga...
O amor não quer acabar!

V

Vou morrer—mas não desejo
Campa nobre alevantada...
Cavem minha sepultura
No seio da minha amada!

Sejam-me cirios brilhantes,
Quando me fôr a enterrar,
Os seus olhos tão formosos,
Tristes por mim a chorar!

Que não me queimem incenso,
Entre cantos funeraes...
Eu não quero outro perfume
Mais que o incenso de seus ais!

Não se oiçam os graves sinos
Dobrando com grande dor...
Basta que no peito d'ella
Dobrem saudades d'amor!

Não quero (signal funesto!)
Cruzeiros alevantados...
Sejam-me cruz os seus braços
Sobre meu corpo encruzados!

Foi n'essa cruz que esperei,
Em quanto esperar podia...
Se não foi cruz da esperança,
Seja-me cruz da agonia!

Não quero me dêem sombra
Negros cyprestes erguidos...
Bastam-me, em quanto eu dormir,
Os seus cabellos caídos!

Envolva meu corpo morto,
Como perfumado veu,
Essa teia d'ouro, aonde
A vida se me prendeu...

É coisa justa, menina,
Que esta defunta paixão,
Já que sem pena a mataste,
Se enterre em teu coração!

VI

Guitarra, minha guitarra,
Já que a corda te estalou,
Póde acabar a cantiga
Aonde o amor acabou!

AO LUAR

I

Dorme tu, que eu velo, amor!
Não sei quem me pôz no leito
Espinhos sob o meu corpo,
Desgostos dentro do peito...

Mal que o somno entra commigo
Começo logo a sonhar...
Comtigo é que eu sonho, filha,
Vê se posso descansar!

Este coração cansado!
O que elle quer é dormir...
Por esses mundos da vida,
Na aza dos sonhos fugir!

O que elle quer é deitar-se
No leito do esquecimento...
Oh! com que cantos, á noite,
Não nos adormece o vento!

Mas o desgosto não deixa,
Não quer deixal-o sonhar...
—«Ergue-te tu, coração,
Vem vêr a luz do luar!»—

Lindas noites de luar!
Vou sentar-me á tua porta,
Como um pae se senta immovel
Na campa da filha morta.

Já meus olhos me não choram,
Já não suspira meu peito...
Para espalhar meus desgostos
Acho o mundo todo estreito!

Inda que eu fosse uma estrella
Por esse espaço a correr,
Sempre e sempre, annos e annos,
Nunca te havia de vêr!

Inda que fosses um astro,
E eu por ti a suspirar,
Sempre e sempre, annos e annos,
Nunca me havias de amar!

Ha dois amores na vida,
Como ha dois astros no ceu...
Só com um d'elles se morre...
Não has de morrer do teu!

O sol, esse sim, que escalda!
A lua não tem calor...
Bem sei que o amor abraza...
Não é sol o teu amor!

Ai, dorme, dorme, que eu vélo!
Não posso dormir n'um leito
Todo d'agudos espinhos,
Que me estão varando o peito!

II

A lua, essa é que não dorme!
Essa não póde quedar!
Parece que tem amores...
Que não sabe descansar!

O ceu, o ceu é tão grande!
O peito é tão solitario!
Assim é que vamos ambos,
Cada qual com seu fadario!

Não morre a ave de fome
No meio da natureza...
Só nós somos dois mendigos...
Tanta luz e tal pobreza!

Não morre a fera nos bosques,
Não morre a fera, mulher,
Sem ter amado e vivido...
Só eu morro sem te vêr!

Eu sou pobre como as ervas
Dos montes, por fins de estio...
Como os astros, que não param...
Como as areias do rio...

Da minha herança perdida
Só tres joias me ficaram...
Como o mundo as não prezasse,
Nunca lá m'as cubiçaram...

A primeira era a Esperança,
Era a segunda a Alegria...
A terceira, a Liberdade,
Nem ao rei a venderia!

As duas joias primeiras
Tu m'as quizeste roubar...
Deixa-me a outra — que eu possa
Em liberdade chorar!

Das bandas do vento Norte
Vem as nuvens a correr...
Deixa-me livre ser triste,
E livremente morrer!

LIMOEIRO VERDE

I

Limoeiro verde, verde,
Que ás praias do mar nasceu...
A onda aos pés a chorar-lhe,
E elle a crescer para o ceu!

A noite no mar é negra...
Ouvem-se os ventos carpir...
Os fructos do limoeiro
São estrellas a luzir!

Para colher as estrellas,
Com azas d'anjo subi...
Por ellas perdi o tino,
E por ellas me perdi!

São estrellas os seus fructos,
Ninguem os póde colher...
Lindos... que cegam os olhos!
Doces... que fazem morrer!

Por isso é que a onda geme,
Por isso é que ella gemeu:
Que lhe adoçasse a amargura
Um d'esses fructos do ceu!

Limão doce, limão doce,
Que te importa a agua do mar?
Todas as cidras do Oriente
Não a podem adoçar!

Todas as lagrimas doces
Que cáem no coração,
Não bastam, não, não adoçam
Uma gôta de traição!

A agua do mar é salgada,
Tem bem amargo sabor...
Parece que as mesmas ondas
Tambem padecem d'amor!

Tambem choram todo o dia,
Tambem se estão a queixar,
Tambem, á luz das estrellas,
Toda a noite a suspirar!

Ai! como a onda suspira...
Como gemendo morreu...
O limoeiro, esse cresce,
Cresce, cresce para o ceu!

Os seus fructos são estrellas,
Ninguem os póde colher...
Quem sobe com azas d'anjo
É para melhor morrer!

Quem tem um peito tão grande
Como o leito d'esse mar,
É para melhor ser triste,
E para melhor penar!

II

Mas a ti, ó limoeiro,
Que te importa a agua do mar?
Tu para o ceu vaes crescendo...
Ella o que sabe é chorar!

Só quem sabe o que são lagrimas,
Só esse sabe o que é amor...
Mas as ondas, mas as lagrimas
São amargas como a dôr!

A laranjeira dá sombra ;
O limoeiro esse não...
Crescido na areia ardente,
Sua sombra é a traição!

Ninguém colha os fructos d'oiro,
Que ha-de as mãos ambas ferir...
Ninguém suba ao limoeiro,
Que o ramo lhe ha de partir...

Ninguém cuide ter nos hombros
Azas que um anjo lhe deu...
Não ha arvore no mundo,
Que possa chegar ao ceu!

Ha uma só, ha só uma,
E é por divino favor...
Mas essa ninguem lhe chega:
É a arvore do amor!

Ai! a onda, essa, coitada,
O mais que faz é gemer!
Cada vez mais amargosa,
Já nem se póde beber.

Quem tiver amores tristes
Venha ouvir gemer o mar;
Por que a amargura das ondas
Ha-de-lhe a dôr adoçar.

POESIAS DIVERSAS

I

AMOR ALEGRE

(CONSELHOS A UMA MENINA MELANCHOLICA)

Deixemo-nos de nenias — enterremos

As antigas paixões!

É d'ar puro e de luz que nós vivemos...

E nossos corações

De luminoso amor, d'amor contente,

D'isso querem viver eternamente!

Viver de flôres, como insecto alado...

E, como ave, de cantos!

Viver de beijos, de prazer sagrado...

Sim, de prazeres santos,

Como homem que embala noite e dia

O fecundo regaço da alegria!

Serena fonte, que nos banha a vida

Em dulcissimas aguas:

E, atravez da existencia dolorida,

Nos lava as velhas magoas...

A alma parece nova: e limpa e bella,

Brilha em face de Deus, como uma estrella!

Brilha em face do mundo! Resplandece

Como lucida aurora!

É o sol da ventura, que alvorece!

Valle e monte colora

Co'as mil côres do iris da bonança...

E as mil do iris d'alma — a esperança!

Amor que espera e crê... amor ditoso...

Quer Deus que se ame assim!

Dormir no mundo o somno mavioso

De prazeres sem fim...

Passar como em triumpho, em mago enleio,

Mãos unidas e seio contra seio...

Põe teus olhos nos meus, para que eu veja

Luz melhor que a do ceu...

O que dentro em teu peito rumoreja

Tudo, é tudo meu!

Meus são teus ais e minha essa harmonia

A que chamas amor, e eu poesia.

Poesia não são lagrimas... são beijos...

E abraços tambem...

Paixões não são suspiros... são desejos...

Quantos a vida tem!

Compõe com tuas mãos minha poesia

De paixão e de beijos e alegria.

Vem commigo na vida! Hei-de levar-te
 Por caminhos de flôres...
Cantará para ti, por toda a parte,
 Um viveiro d'amores...
Eu sei o que é amor! estes conselhos
Amor t'os dá — deixa fallar os velhos!

Deixa, deixa-os dizer, os *velhos sabios*,
 Que só sabem chorar!
Mulher bella, se Deus te pôz nos labios
 Botão de flôr sem par,
Flôr de luz e ventura... é por que o riso
A abra e transforme em flôr do Paraiso!

1864.

II

NUVENS DA TARDE.

Aquellas nuvens, que vôam,
Ninguem póde pôr-lhes mão...
São como as horas que sôam,
E as aves, que em bando vão...
Como a folha desprendida,
E como os sonhos da vida,
Aquellas nuvens que vôam...

*

Ás vezes o sol, que as doura,
Parece á gloria leval-as...
Mas surge o vento e, n'um'hora,
Já ninguem póde avistal-as!
É um convite enganoso,
Um escarneo luminoso,
Ás vezes, o sol que as doura!

Tantos castellos caídos!
Tantas visões dissipadas!
Gigantes, heroes perdidos,
Que mal sustêm as espadas!
Faz pena vêr, lá do monte,
Nas ruinas do horisonte,
Tantos castellos caídos!

E as donzellas lastimosas,
Que vão fugindo transidas!
Quem fogem ellas anciosas?
Que buscam ellas perdidas?

Ó romances fugidios!
Vejo os tyrannos sombrios,
E as donzellas lastimosas!

Aquellas nuvens que vêmos,
Esses poemas aereos,
São os sonhos que nós temos,
Nossos intimos mysterios!
São espelhos fluctuantes
Das nossas dôres constantes
Aquellas nuvens que vemos...

Nossa alma vai-se com ellas,
Á procura, quem o sabe?
D'outras espheras mais bellas,
Já que no mundo não cabe...
Voando, sem dar um grito,
A travez d'esse infinito,
Nossa alma vai-se com ellas!

186...

III

METEMPSYCOSE

Ardentes filhas do prazer, dizei-me!
Vossos sonhos quaes são, depois da orgia?
Acaso nunca a imagem fugidia
Do que fostes, em vós se agita e freme?

N'outra vida e outra esphera, onde geme
Outro vento, e se acende um outro dia,
Que corpo tinheis? que materia fria
Vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras,
Arrastando, leôas ou pantheras,
De dentadas d'amor um corpo exsangue...

Mordei pois esta carne palpitante,
Feras feitas de gaze fluctuante!
Lobas! leôas! sim, bebei meu sangue!

186...

DO INGLEZ DE EDGAR POE

Não sei se era teu seio ilha encantada...

Paraiso de canto,

De perfume, d'amor e formosura...

Se um templo á beira-mar... um templo santo,

De luz e aroma cheio!

Não sei... pois sabe alguém sua ventura?

Mas dormia embalada no teu seio

Minh'alma socegada.

Um suspiro... uma prece...
 Leva-os o vento pela noite escura!
 Sonho!... um sonho que esquece!
 Mas não se esquece o sonho da Ventura!
 Que phantasma nos brada — *avante! avante!*
Esquecer! esquecer!—?
 O coração não quer!
 Não quer... não póde... lucta vacillante!
 Onde teve seu ninho e seu amor,
 Ahi ha de ficar, sombrio, incerto...
 Ha de ficar, pairar no ceu deserto,
 Ave eterna de dôr!

— Nunca mais! nunca mais!
 Que diz a onda á praia? ha um destino
 Triste, partido, em seu gemer divino,
 E um mysterio infeliz n'aquelles ais!
 — Nunca mais! nunca mais!
 E o coração que diz ás mortas flores
 Do seu jardim d'amores?
 Como a onda — *jámais!*

Se eu pudesse sonhar? Ah! posso ainda

Sonhar... se fôr contigo!

Sempre! sempre a meu lado, imagem linda...

A noite é longa... vem fallar commigo!

Estende os teus cabellos...

O ceu da tua Italia, não, não brilha

Como brilham meus sonhos, vagos, bellos,

Se me fallas á noite em sonhos, filha!

Levaram-te! levou-te a onda dos mares!

A aza da aguia! o vento!

Geme captiva — chora sem alento,

Pomba d'amor, saudosa dos teus lares!

Teu ninho agora é triste, glacial...

Um leito conjugal!

Antes a terra escura, pobre escrava,

Aoíde — sob a abobada sombria —

Tua alma os vôos livres estendia...

E o coração amava!

1864.

INTIMIDADE 1

Quando, sorrindo, vaes passando, e toda
Essa gente te mira cubiçosa,
És bella — e se te não comparo á rosa,
É que a rosa, bem vês, passou de moda...

Anda-me ás vezes a cabeça á roda,
Atraz de ti tambem, flôr caprichosa!
Nem póde haver, na multidão ruidosa,
Coisa mais linda, mais absurda e douda.

1 Tanto este soneto, como os versos a Baudelaire, foram em tempo publicados com um pseudonymo.

Mas é na intimidade e no segredo,
Quando tu córas e sorris a mêdo,
Que me apraz vêr-te e que te adoro, flôr!

E não te quero nunca tanto (ouve isto)
Como quando por ti, por mim, por Christo,
Juras—mentindo—que me tens amor...

186...

VI

IN URNA PERPETUUM VER

Sempre que penso na morte
Sinto a alma estremecer,
Por que me lembro, querida,
Que tambem has de morrer...

Estremece, de contente,
Minh'alma no coração:
Sinto o amor mais apurado,
Sinto mais viva a paixão!

Ha calor nas cinzas frias,
Ha um estranho calor,
Quando as consumiu a vida
Á chama santa do amor...

Nosso delirio phantastico,
Que não teve aqui logar,
Comnosco havemos leval-o
Para lá nos animar.

Para nós a morte extrema
É começo, não é fim...
Verás se te não respondo
Mal que tu chames por mim...

Mortos somos nós agora,
Que nem podemos fallar,
E a mêdo até escutamos
O coração palpitar!

Ninguem viu as nossas azas,
Tão encolhidas estão!
Mas o negro ceu da morte
Tem uma livre extensão!

Abaixo do chão dez palmos
Já não têm poder as leis,
As leis que os homens puzeram
Em seus codigos crueis...

Tua mão, que nunca em vida
Pude na minha apertar,
Ha de alí eternamente
Sobre a minha mão pousar!

E um sopro da bocca morta,
Sem fallas, me ha de dizer,
Em lingua que não é d'homens:
«Nunca mais te hei de perder!»

Como o tumulto é estreito...
E é um mundo para nós!
Este universo é que é tumulto
Se eu não ouço a tua voz...

Com que paz religiosa,
Com que limpo coração,
Entraremos silenciosos
Na nocturna região!

Livre espaço inalteravel,
E livre, estranho fulgor!
A aza negra da Morte
Roça na aza do Amor!

.....

Tu pensas sempre na morte,
Eu não tenho outro pensar...
Ah! seja este pensamento
Nossa maneira d'amar!

18...

VII

EMQUANTO OUTROS COMBATEM

Empunhasse eu a espada dos valentes!
Impellisse-me a acção, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e o Fado
Dão a lei aos reis trémulos e ás gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado...
Ou caíra radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gladios reluzentes!

*

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inuteis annos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e anciedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
D'esta pallida e esteril mocidade!

1864.

VIII

A UMA MULHER

Para tristezas, para dôr nasceste.
Podia a sorte pôr-te o berço estreito
N'algum palacio, e ao pé de regio leito,
Em vez d'este areal onde cresceste:

Podia abrir-te as flôres — com que veste
As ricas e as felizes — n'esse peito;
Fazer-te... o que a Fortuna ha sempre feito...
Terias sempre a sorte que tiveste!

Tinhas de ser assim... Teus olhos fitos,
Que não são d'este mundo e onde eu leio
Uns mysterios tão tristes e infinitos,

Tua voz rara, e esse ar vago e esquecido,
Tudo me diz a mim, e assim o creio,
Que para *isto só* tinhas nascido!

18...

IX

AMOR NO MAR

Quem és, undina, qué eu em sonho abraço?
Atiro o coração ao largo mar,
A vêr se acho alguma onda, em seu rolar,
Que m'ó leve comsigo pelo espaço...

Porque as ondas são fadas encobertas
Sob as gazes da espuma, essa alva teia,
Que ora adormecem com a lua cheia,
Ora ao clarão do sol vogam despertadas...

São mours encantadas sob as aguas,
Em seus valles azues de humidas flôres...
Que ora cantam na praia seus amores,
Ora choram ao longe ignotas maguas...

São almas descasadas a buscarem-se,
Sempre em giro através do infinito...
Correndo sob os cabos de granito,
Como em sonhos ideaes a afagarem-se...

São vozes de tristeza, que têm vida,
E vidas que a tristeza vae levando...
D'aves fugidas luctuoso bando,
Que se alonga da praia esmaecida...

São amores, que passam invisiveis...
Suspiros, que se dão sem ser ouvidos...
Eccos do coração, meio sumidos
Ao quebrar-se nas rochas impassiveis...

É viagem de mar esta que eu faço!
Eu das perfidas ondas só me fio,
Que bem lhes vejo as lagrimas em fio
Escorrerem da rocha sobre o espaço...

Da minha vida as mentirosas flôres
Colho-as alí, n'aquelles valles frios,
E em seus berços d'espuma fugidios
É que embalo meus pallidos amores!

Seu duvidoso brilho é quem me leva...
Sua fuga traiçoeira é quem me prende...
N'um pingo d'agua se balança e pende
Minha alma, suspendida sobre a treva...

Mais se ama quem mais foge. As curtas horas
De nossas illusões... eis nossa gloria...
Só quanto nos traíu deixa memoria...
Adoro as ondas... porque são traidoras...

Amor é agua perfida, mas bella,
Mas cheia de harmonias. Vae, minha alma...
— Um momento de vida e luz e calma!—
Sepulta-te depois no fundo d'ella...

Só te peço que *saibas* enganar...
Uma hora só—mas d'um engano amigo...
Onda d'amor, leva-me tu contigo...
Oh! levae-me comvosco, ondas do mar!

1864.

X

VELUT UMBRA

(A JOÃO DE DEUS)

Fumo e scismo. Os castellos do horizonte
Erguem-se á tarde e crescem, de mil côres,
E ora espalham no ceu vivos ardores,
Ora fumam, vulcões de estranho monte...

Depois, que fórmias vagas vêm defronte,
Que parecem sonhar loucos amores?
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca d'esse aereo Acheronte...

Apago o meu charuto quando apagas
Teu facho, ó sol... ficâmos todos sós...
É n'esta solidão que me consumo!

Ó nuvens do occidente, ó coisas vagas,
Bem vos entendo a côr, pois, como a vós,
Belleza e altura se me vão em fumo!

1863.

RESPOSTA

(DE JOÃO DE DEUS)

Em fumo se vai tudo, amigo! Olhando
Para as nuvens do ceu (nuvens d'aquellas,
E até não sei se diga que mais bellas...)
Anda a gente fazendo e desmanchando!

Dá-me uma saudade, em me lembrando
Do bello tempo que passei com ellas,
Por essa immensa abobada de estrellas,
Por esse mar de fogo viajando!

Andasse eu inda lá, que não me havia
De vêr por estes charcos atolado,
Onde nem sol nem lua me alumia!

Andasse eu inda lá... desenganado,
Mesmo já como estou, de achar um dia
A patria de onde ando desterrado!

XI

UNE FEMME QUI TOMBE...

Quem te deitou, innocente,
, Tremendo de frio e dôr,
Sobre o monturo da vida
Como coisa sem valor;

E essa face dolorida
Te fez empallidecer
Com o olhar da miseria,
Com o beijo do soffrer;

Pôde gelar-te esses membros,
Encher-te de pallidez,
Furtar-te o chão da existencia,
Cad'hora, de sob os pés;

Mas o que essa mão não pôde,
Com a gelada pressão,
Foi tirar-te o dom das lagrimas,
Foi seccar-te o coração!

Chora pois... Deus vê as almas!
O mais é coisa mortal...
Vê-as sós — quer os ais saíam
Do palacio ou do hospital.

Sua mão, se faz estrellas,
É d'almas que anda a colher...
E, pois o espirito sóbe,
Bem póde o corpo descer!

Que importa onde os pés se firmem,
Se é porque o olhar se erga á luz?
Bem pôdre é o chão dos mortos,
E mais lá se hasteia a cruz!

Como aos poços mais sombrios
Chega um raio de luar,
Podem tambem nascer lyrios
Á porta d'um lupanar...

E os seios, que o mundo compra
No crapuloso leilão
A que preside a miseria...
Podem ter um coração!

Temos todos visto, ás vezes,
Saír uma luz ideal
De cabeças que se encostam
Na enxerga d'um hospital!

Ah! deixa correr teu pranto
Sobre o chão do lupanar...
É sementeira de dôres
Que andas, triste, a semear.

Mas passe o *inverno* por cima...
Que a *primavera* ha-de vir!
As dôres, que tu semeias,
É no ceu que hão de florir!

Oh! ha lá quem conte as lagrimas
Que aqui se vão a chorar!
Debaixo de nossos olhos
Anda-as Deus sempre a aparar...

Eu creio na providencia!
O tronco secco da cruz
Rebenta no paraiso
Para dar flôres de luz!

Ás faces que empallidecem
Ha-de as Deus inda córar
Com o reflexo dos cyrios
Que ardem lá no seu altar!

E se os olhos se anuviam
Escurecendo-se — Deus
Faz dos escuros da terra
A aurora eterna dos ceus!

1863.

XII

UMA AMIGA

Aquelles que eu amei, não sei que vento
Os dispersou no mundo, que os não vejo...
Estendo os braços e nas trevas beijo
Visões que á noite evoca o sentimento...

Outros me causam mais cruel tormento
Que a saudade dos mortos... que eu invejo...
Passam por mim... mas como que têm pejo
Da minha soledade e abatimento!

D'aquella primavera venturosa
Não resta uma flôr só, uma só rosa...
Tudo o vento varreu, queimou o gêlo!

Tu só foste fiel — tu, como d'antes,
Inda volves teus olhos radiantes...
Para vêr o meu mal... e escarnecel-o!

18. 2.

XIII

DAS UNNENNBARE

Ó chimera, que passas embalada
Na onda de meus sonhos dolorosos,
E róças c'os vestidos vaporosos
A minha fronte pallida e cançada!

Leva-te o ar da noite socegada...
Pergunto em vão, com olhos anciosos,
Que nome é que te dão os venturosos
No teu paiz, mysteriosa fada!

Mas que destino o meu! e que luz baça
A d'esta aurora, igual á do sol posto,
Onde só nuvem pallida esvoaça!

Que nem a noite uma illusão consinta!
Que só de longe e em sonhos te presinta...
E nem em sonhos possa vêr-te o rosto!

1864.

XIV

A UMA POETISA

Poesia! mas poesia que console,
E a alma acalente em berço d'harmonias!
E doire a lassa fronte a nossos dias,
Como ás manhãs d'inverno doira o sol...

D'essa que Deus revela aos innocentes...
Como a gente a sonhou na sua infancia...
Que anda a boiar em ondas de fragrancia
— Cruz sobre uns seios virginaes, trementes...

Que á palavra só pede esse gemido
Que a pomba pede ao ar, se o vôo levanta...
E adivinha, co' o instincto da alma santa,
Quanto á alma ficou do Eden perdido...

D'essa que, quanto dôe, tanto consola,
E ás sombras do viver dá seu crepusculo...
E da face distende cada musculo...
E é, em ermo pinhal, canto de rôla...

Como aquella mulher de Samaria
Em cujas mãos bebeu Christo, sequioso...
E como o dôce olhar, longo e mavioso,
Com que nos cobre a pallida Maria...

Poesia, que não se ergue tumultuosa,
Nem luta, nem arqueja no delirio,
Mas se abre dentro d'alma, como lyrio,
Ou primeiro sorriso d'uma esposa...

Fina gaze do veu d'alguma santa,
Que nos mostra uma estrella em cada ponto...
Manto d'ouro de fada d'algum conto,
Que em cada fio tem uma harpa, e canta...

Debaixo da palavra a alma palpita,
Como o sangue nas veias d'um infante;
E vê-se o coração, a cada instante,
Lançando, ao perpassar, luz infinita!

D'esta poesia, sim! que nos eleva
Sem se vêr com que mão — e allivia
De quanta sombra cobre o nosso dia,
Quanta nuvem na face o sol nos leva!

D'esta poesia, sim! que a gente chora
Sem se vêr com que lagrimas — e fica
Como ao saír d'um sonho — e não se explica,
Nem se estuda, nem lê... mas só se adora!

Ó poetas, poetas! d'esse côro
De cantores febris, qual é de vós
Que encontrou já no ar aquella voz,
Um tal mixto d'amor e de sons d'ouro?

Debaixo d'essas mãos d'artista, ardentes,
A palavra palpita e vê-se a idéa...
Mas amar! mas sonhar! e, á lua-cheia,
Ás visões apalpar os veus trementes!..

Mas vasar, n'um só *ai*, todo o infinito!..
Á luz do coração, mostrar o Immenso!..
Cobrir de flôres o deserto extenso!..
E, n'um suspiro só, pôr Deus escripto!

Mulher! mulher! a alma é que adivinha!
Dize-me então (se alguém não t'o ha vedado)
De que flôres se faz esse relvado
Sobre que a alma pelo ceu caminha?

Porque, antes de se abrir o mundo vasto
Ás revoltas paixões da humanidade,
Já, nas dobras do manto, a immensidade
Tinha a poesia do que é santo e casto!

Corações de mulher! vós a sonhastes
— Muito antes de haver rimas — suspirando,
Ou seguindo co' o olhar o aereo bando
D'aves d'amor, que d'alma ao ceu soltastes!..

Ou inclinadas sobre o berço estreito,
Onde se incuba o poema do futuro...
Ou dando a mão ao soffrimento escuro...
Ou dando toda a luz ao escuro peito...

Poetica de vida e sangue e tudo!
Que só tomou por lei o livre Amor...
E escreve as epopeias n'uma flôr...
E não quer mais que um *ai* por todo o estudo!

Andam alí os mundos encobertos,
Que um só olhar amante patenteia...
E a luz que doira muita escura idea...
E essas fontes que nascem nos desertos...

Vós trazeis-la no seio — e se a contemplo,
Mais que a Virgem ideal da meia-edade,
Não acho em todo o mundo uma cidade
Onde possa elevar-lhe altar e templo.

Mysterios... se d'amor... tambem profundos!..
Oh! quem me dera a mim — crente, que espera,
Sem vêr ainda a luz — oh! quem me dera
Essa ignorancia... que descobre mundos!

1864.

XV

A UNS QUINZE ANNOS

Eu amo a vasta sombra das montanhas,
Que estendem sobre os largos continentes
Os seus braços de rocha negra, ingentes,
Bem como braços colossaes de aranhas.

D'ali o nosso olhar vê tão extranhas
Coisas por esse ceu! e tão ardentes
Visões, lá n'esse mar d'ondas trementes!
E ás estrellas, d'alí, vê-as tamanhas!

Amo a grandeza tenebrosa e vasta :
A grande idéa, como um grande fructo
D'arvore colossal, que isto domina...

Mas tu, criança, sê tu bôa... e basta :
Sabe amar e sorrir : mulher, é muito!
Mas a ti só te quero pequenina!

1863.

XVI

DESPONDENCY

Deixal-a ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da soledade
Onde as azas partidas a levaram...

Deixal-a ir, a vella, que arrojaram
Os tufões pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgiu da immensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixal-a ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
Á morte queda, á morte silenciosa...

Deixal-a ir, a nota desprendida
D'um canto extremo... e a última esperança...
E a vida... e o amor... deixal-a ir, a vida!

1864.

XVII

A CARLOS BAUDELAIRE

(AUCTOR DAS «FLORES DO MAL»)

Ó Carlos Baudelaire! ó poeta impassível!
Fino labio a sorrir, sob um estranho olhar!
Tua bocca descreve o criminoso, o horrível,
Emquanto a tua voz parece só cantar...

Indiferente vais, como a desdem, pisando
Um chão de vicio e horror, com passo virginal.
Na tua mão *gantée* trazes, como brincando,
Um sinistro *bouquet*, a negra *flôr do mal!*
*

O tetrico — o que faz arrefecer no peito
O coração dos mais — poeta, é para ti
Só pretexto, talvez, d'algum feliz conceito,
Um verso original, uma rima que ri...

Dante do Boulevard, cantas o desespero
Ao som d'uma ária vã, como um futil rondó...
Pintor, deixas-nos vêr a alma escura de Nero
Com o *négligé* e a côr de Boucher ou Watteau...

Essa fronte de neve, esse craneo de gelo,
Se os estalasse alguém, veria, creio eu,
Surgir disforme ser — Byron, Polichinello,
Confundidos n'um só, co'a face d'Asmodeu!

É o mal com consciencia, e tanta, e tão terrivel
Que dá na affectação, nas phrases *recocó*...
E esse olhar fixo e estranho e essa fronte impassivel
Causam frio mortal, mais do que pranto e dó...

Sim, á luz da alvorada e em plena primavera,
Vêr só o insecto vil, que róe a bella flôr,
(Em despeito do estylo e da rima severa)
Não se faz sem soffrer... tu conheces a dôr!

Tu sabes o que é dôr, ó sereno estylista!
Sob o fraque do dandy ha em ti, bem o vêr,
Um poeta, um leão, um demonio, que o artista
Póde o custo conter, domar, calcar aos pés!

Considero esse olhar indisivel e fito,
E esse labio cruel... e parece-me ouvir!
— «N'esta vida sem Deus, n'este mundo maldito,
Já não ha que chorar... o melhor é sorrir!»—

Habita dentro em ti, mudo mas implacavel,
Como um remorso antigo, um pensamento atroz...
É o velho peccado, a herança inexpravel
Do mal das gerações, dos vicios dos avós!

És o symbolo, tu, d'um seculo phantasma,
Tão sabio que é atheu, e já não quer chorar...
Que tem cãs sem ser velho, e que de nada pasma,
Olhando o mundo á luz do gaz do Boulevard...

Somos todos assim — um triste olhar que chora,
E encobre, chocarreira, a luneta do tom...
Um esqueleto frio e horrivel — mas por fóra
Irréprochablement vestido á Bénéiton!..

186...

XVIII

VERSOS

ESCRITOS N'UM EXEMPLAR DAS «FLORES DO MAL»

As flôres que nossa alma descuidada
Colhe na mocidade com mão casta,
São bellas, sim: basta aspiral-as, basta
Uma vez, fica a gente enfeitiçada.

Nascem n'um prado ou riba socegada,
Sob um ceu puro e luz serena e vasta;
Têm fragrancia subtil, mas nunca exhausta,
Fallam d'Amor e Bem á alma enlevada...

Mas as flôres nascidas sobre o asphalto
D'essas ruas, no pó e entre o bulicio,
Sem ar, sem luz, sem um sorrir do alto,

Que têm ellas, que assim nos endoidecem?
Têm o que mais as almas appetecem...
Têm o aroma irritante e acre do Vicio!

186...

XIX

SAUDADES PAGANS

I

Visões! sonhos antigos!

Quando a Terra,
Na innocencia primeira de seus annos,
Entre flôres dormia... e era seu berço
O seio de mil deuses! Quando a vida
No coração dos homens, sem esforço,
Se abria como um lotus, todo cheio
Dos raios do luar e dos segredos
Do vaporoso espirito das noites!

Quando um tronco era peito cõmmovido,
E a montanha um Augur, e a rocha oraculo;
E não se achava um só bago de areia
Que não estremecesse e não sentisse
Agitar-se-lhe dentro a alma confusa
Quando os Orpheus passavam, silenciosos,
Por entre os arvoredos, meditando!

Saía então da Terra um grande espirito:
Havia em tudo uma expressão profunda:
Nem era muda a vastidão do mundo.
Como um canto que fere as cordas todas
D'uma harpa sonora, uma mesma alma
Através do Univerno ía acordando,
Em peito, arvore, pedra, e ceu e onda,
As mil notas, diversas mas cadentes,
D'uma mesma harmonia — o hymno da Vida!

Era a *cidade ideal* da Natureza!
Seu povo, a criação; seu templo, o espaço;

E muralhas em volta, circumdando-a,
D'um lado ao outro os livres horizontes!
Era a cidade ideal! a Lei eterna
Banhava-a sempre n'uma aurora immensa,
Quando um povo de deuses, radiante
De mocidade e brilho, caminhava
Por entre as multidões — e o solo heroico,
Teu solo sacrosanto, ó Grecia antiga,
Como um sublime palco, sob os passos
Dos actores divinos resoava!

II

Ella era então formosa, a Vida! e a Terra,
Noiva de heroes, abria o seu regaço,
Por que os filhos de Alcides, ao passarem
Das longinquas conquistas, lhe lançassem
Como dons nupciaes os grandes feitos...
Os feitos dos heroes! E a alma dos deuses,
Occulta dentro d'elles, murmurava
Por alta noite, entre as visões do sonho,

Confusa prophecia! o canto vago
Das legendas futuras...

Epopeias!

Imperios do esplendor! O Olympo eterno,
Mais alto que o Sinai, não se envolvia
No nevoeiro espesso dos mysterios...
Seus flancos sobre a terra se abaixavam...
O riso dos olympicos banquetes,
Largo rio de brilho e de harmonias,
Corria desde cima — e em suas margens
Via-se ás vezes mergulhar a taça,
E sereno beber, um velho... Homero!

Em baixo, contrafeito e triste, o Satyro
Rodava em volta ao monte. Homem, acaso,
Filho do chão, talvez, a fórma escura
Entrevista nas selvas parecia
Um espião dos deuses — Invejoso,
E amigo emtanto, elle era o rude symbolo
Da ancia humana, a immortal curiosidade
Que ás portas d'ouro eternas espreitava
As palavras secretas... E, por vezes,

Em meio dos banquetes sua face
Apparecia — e o olho vago e triste
D'esse monstro infeliz lembrava ao Olympo
A longa dôr da geração dos homens!

Diziam que era o pêso das palavras
Ao destino roubadas que o curvava;
E era seu confidente o livre vento.
O rochedo o sabia: e n'esses montes
Onde passava a turba gloriosa,
A bocca das cavernas, resoando,
Tinha uma voz profunda — Ella dizia
Á alma turva do homem mil segredos,
Mil perdidas sciencias — as origens,
Occultas sob o veu dos vagos symbolos...
As guerras do principio... os Elementos,
Titans perante o ceu lutando altivos...
Os combates da Terra e suas glorias...
A tradição dos montes e das feras...
O alfabeto dos ramos na floresta...
O vôo da ave e o serpear dos rios —

E a harmonia das vozes na montanha
Era a lettra do hymno, emquanto a musica
Sob os dedos de Orpheu se cadenciava!

Ó sopro livre e puro dos desertos!
Ó murmurios das fontes! que segredos
Ensinava essa voz aos solitarios?
O pastor, sacerdote das florestas,
Augur sagrado pela luz da aurora,
Podia sobre o monte, erguendo a face,
Decifrar os arcanos do Destino
Nos vôos da ave d'oiro mythologica!

III

Feriram-te, ave augusta! Setta escura
Varou-te o coração! e a terra ingrata
Pôde beber teu sangue! No teu ninho
Vejo os ovos do abutre! tuas pennas
O vento as dispersou! És como um sonho

De que mal ha memoria — como a nuvem
Que a rajada partiu — e como a lagrima
Dos olhos do captivo, sobre as ondas!
Ergo a face entre os montes e olho ao longe:
É ainda um mar de brilho esse horizonte...
Mas nas vagas serenas já não vejo
Teu seio, como barca de harmonias,
Entre os astros vogando compassado!

Alma virgem do mundo! Vestal santa!
Que sopro te apagou o lume puro
Em tuas aras d'oiro? Claro espirito!
Consciencia universal! que sonho estranho
Te enlouqueceu de dôr? Entre as florestas,
Quando o vento do inverno bate os ramos,
Ha, pelo horror da noite, um choro escuro,
E uma voz dolorosa ao longe ulúla...
É Diana, a formosa, a casta, a ingenua,
Ferida, e os pés em sangue pelas urzes,
Que vaga douda e corre pelas selvas
Chamando em vão os deuses foragidos!

IV

Seccou-se o ramo d'ouro em mãos de Eneias!
Despovoou-se a terra! Os seus espiritos
Voaram não sei onde! A fonte chora
A viuvez das Naiades! O tronco
Agita no ar os braços descarnados,
A vêr se apanha a tunica ligeira
Das perdidas Napeias! Longe, ao longe,
Nos ruidos do bosque, nos suspiros
Do vento pelos valles, nos murmurios
Dos rios tortuosos, nas cascatas,
Nas grutas, no rochedo — em tudo, um echo
De saudade indisivel se levanta!
São do seio da terra uma voz triste,
Longa, profunda... é ella, que lamenta
A orphandade miserrima do mundo,
A morte da alma antiga, essa alma immensa,
Esse brilho extensissimo!

Innocencias!

Puros sonhos da infancia do Universo!
Ah! não mais voltareis! um sopro frio
Varreu de sobre a terra as suas flôres!
Entre os labios de Orpheu o canto augusto
Gelou-se e a extrema nota dissipou-se!
A prophecia antiga do Destino
Veiu a cumprir-se — e os deuses vagabundos
D'um horisonte ao outro, como sombras,
Arrastam os retalhos d'esse manto
Da velha divindade! A lyra eterna
Inda brilha no ceu, mas não tem cantos,
Nem ha já quem lhe intenda os santos hymnos!
O banquete do'Olympto está deserto...
E a Terra está viuva dos seus deuses!

v

Viuva? não! um duro captiveiro
Os tem prêsos na abobada sombria
D'um carcere bem frio. Outros, fugidos,
Nas montanhas aéreas do horisonte,

Nas nuvens do sol posto, passam tristes,
Lançando á terra um longo olhar de magua...
Muitos á beira-mar foram sentar-se:
Seus corações heroicos estremecem
Quando a voz do leão encadeado
Se ergue e commove o abysmo — é digna d'elles
Essa queixa do forte! Então alongam
Pela face do mar os olhos vagos...
Outro mar de lembranças tumultúa
Nos grandes peitos que dilata o orgulho...
E ao reflexo das ondas, toda a noite,
Vêm passar os pallidos phantasmas
Da gloria antiga e dos antigos feitos!

A alguns o coração ficou-lhes prêso
Ás duras pedras da cidade ingrata.
Em despeito da affronta, amam os homens...
Uma intima saudade os traz á noite
Em volta aos muros... vagam como sombras...
E no confuso cõro mysterioso
Dos rumores nocturnos, se escutares,

Has de ouvir os soluços e o partido
Longo choro dos deuses exilados...

Como os filhos d'um povo, que a conquista
Com mão de ferro sacudiu ao longe,
Todos vagam no mundo. A sombra, agora,
A esses corpos de luz é quem os veste!
Seus pés divinos ferem-se nas rochas!
Seus banquetes as feras lh'os disputam!
E, em vez de muros d'ouro de alto Olympo,
Suas nobres palavras inspiradas
Mal despertam o ecco das pedreiras!

Fundas minas da terra! escuros antros
Das longinquas montanhas solitarias!
Em vosso duro seio houve piedade...
Vossa bocca se abriu para saúdal-os...
Para saúdar os fortes, na desgraça...
E, enquanto os homens surdos recusavam
Á miseria dos deuses um asylo,

*

(Estreito que elle fosse) um lar amigo,
Vós, ó sombrias rochas, vós formastes
Sobre os montes uma ala de gigantes;
E, através das fleiras de granito,
Os principes do mundo, os reis caídos,
Passaram no caminho do desterro !

No deserto assentaram seu concilio
Esses que o ceu, ha pouco, mal continha...
Graves, sua attitude é ainda altiva,
E a magestada antiga está com elles.
Não choram sobre si — em qualquer parte
Aonde habite um Deus é aí um templo —
Porém a ingratição dos homens falsos
Punge-os, que a não concebem: não concebem
Esses filhos do Bem o Mal escuro.
Dir-se-ha que expiam o alheio crime;
Tanto os perturba a injustiça humana,
E da affronta, que soffrem, têm piedade...
Seus nobres corações choram: mas, fortes,
Os olhos não o dizem — como auroras,
Alegram o horizonte dos desertos!

VI

Ah! nós, nossas moradas tristes, nossas
Habitações escuras, não, não podem
Por mais tempo ficar em trevas, quando
Essa aurora immortal doura as montanhas!
Quando uma chuva d'ouro luminosa,
Trazida pelo vento, vem correndo
Desde os montes sublimes, nossos valles,
Cá em baixo, não podem, tristes, frios,
Ficar estereis como um seio inerte
De mulher na hora santa dos ardores!
Fallam deuses nos ermos... e as cidades
Não hão de ter oraculos? As rochas
Têm genio tutelar... e o lar dos homens,
Como ara ao abandono, ha de esfriar-se?
E da memoria dos antigos sonhos
Restar apenas sobre as duras lages
Um punhado de cinzas?

A alma eterna

Ha de voltar ao seio dos ingratos!
Alma joven de amor e luz! O mundo
Arranca as velhas cãs! rejuvenesce!
Seu gasto coração pasma, sentindo
Um novo sangue que o anima e agita!
Sorri... tenta sorrir... não sei que oraculos
Lhe ensinam a esperança! Anceia a vida...
E nos signaes do ceu lê com espanto
Um poema de prosperos destinos!
A memoria dos tempos venturosos
De innocencia e d'amor commove-o, enchendo-lhe
O peito de saudades! scisma e em sonhos
Evoca mil lembranças — ceus e fontes,
E os jardins d'outros climas, e as legendas
Dos tempos esquecidos, e os sorrisos
Dos amigos da infancia...

Elles! são elles,

Cujas imagens, pela vaga noite,
Lhe enchem o somno de visões phantasticas...
Estende os braços para vêr se apanha
As impalpaveis fórmias! pára... escuta...

E as sombras da alvorada, nas montanhas,
Já lhe parecem vultos mysteriosos
Que o chamam e saúdam... Eram sombras!
Mas o que diz o coração, á noite,
Quando o commove a dôr e o insulamento,
Não são sonhos apenas... são presagios!

São das cinzas do altar uma luz frouxa...
E os lyrios esquecidos dão seu cheiro...
A chamma sobre o lar, ás vezes, como
Se os genios, invisiveis, assistissem
Ao serão, brilha e agita-se contente,
Enchendo a casa d'um clarão phantastico...
São presagios!.. Tambem se escuta á noite
Correr nos ares um cantar suave,
Vago, longinquo, como se os espiritos
Agitassem, passando, a lyra antiga...
São vozes precursoras! Quando os deuses
Vêm visitar a habitação dos homens,
Mandam sempre adiante estes oraculos...

Sim, um dia, do meio das florestas,
Ha-de-se erguer a grande voz prophetica!
Ha de soar! e o vento dos desertos,
Das livres solidões filho indomavel,
Ha de abater o carcere sombrio!
Elles hão de surgir! Compondo o manto
Da realza antiga, hemos de vêl-os
Na magestade olympica dos fortes
Descendo os grandes montes! Turba heroica!
E, vestidos de luz, a terra inteira,
Vendo o drama divino, ha de saúdal-os
Em alta acclamação — theatro immenso
Co'a grande voz dos deuses eccoando!

1864.

XX

PRIMEIROS CONSELHOS DO OUTOMNO

Ouve tu, meu cançado coração,
O que te diz a voz da Natureza:
— «Mais te valêra, nú e sem defeza,
Ter nascido em asperrima soidão,

Ter gemido, ainda infante, sobre o chão
Frio e cruel da mais cruel deveza,
Do que embalar-te a Fada da Belleza,
Como embalou, no berço da Illusão!

Mais valêra á tua alma visionaria,
Silenciosa e triste ter passado
Por entre o mundo hostil e a turba varia,

(Sem vêr uma só flôr das mil, que amaste,)
Com odio e raiva e dôr — que ter sonhado
Os sonhos ideaes que tu sonhaste!» —

FIM.

INDICE



	PAG.
Duas palavras	v
—	
BEATRICE	9
PEPPA	33
IDYLIO SONHADO	61
MARIA	73
CANTIGAS :	
À guitarra	103
Ao luar	113
Limoetro verde	119
POESIAS DIVERSAS :	
I. Amor alegre	127
II. Nuvens da tarde	131
III. Metempsychose	135
IV. Do inglez de Edgar Poe	137
V. Intimidade	141
VI. In urna perpetuum ver	143
VII. Emquanto outros combatem	147
VIII. A uma mulher	149
IX. Amor no mar	151
X. Velut umbra (a João de Deus)	155
Resposta (de João de Deus)	157
XI. Une femme qui tombe	159
XII. Uma amiga	165
XIII. Das Unnennbare	167
XIV. A uma poetisa	169
XV. A uns quinze annos	175
XVI. Despondency	177
XVII. A Carlos Baudelaire	179
XVIII. Versos, escriptos n'um exemplar das <i>Flôres do Mal</i>	183
XIX. Saudades pagans	185
XX. Primeiros conselhos do outomno	201

